



Violência Juvenil e Laço Social Contemporâneo

Rose Gurski

RESUMO – Violência Juvenil e Laço Social Contemporâneo. Este artigo propõe a discussão sobre o uso da violência como um modo de representação de si no social, utilizado pelos jovens da atualidade. Partindo de algumas produções culturais, busca problematizar as condições sociais com as quais os jovens se encontram no laço social atual. Parte-se da noção de que a urgência em encontrar modos de se fazer representar no social, típica da adolescência, somada ao empobrecimento das condições de construção da experiência e do esvaziamento do espaço público como espaço legítimo de representação do sujeito, acabou por incrementar a dimensão das escritas violentas na adolescência e juventude de nosso tempo.

Palavras-chave: **Adolescência. Representação de Si. Violência. Psicanálise. Experiência.**

ABSTRACT – Youth Violence and Contemporary Social Bond. The following article discusses the use of violence as a representative form used by youth in present time. By analyzing documents of culture this paper intends to investigate the social conditions in which youth finds a social bond. It considers that the urgency in finding ways of making the self representative in social order, as typical of the adolescence, added to the impoverishment of the conditions of construction of experience and emptiness of public space – as a genuine space of representation – leads to the development of violence to a form of writing of self used by the adolescence and youth in nowadays.

Keywords: **Adolescence. Representation of Self. Violence. Psychoanalyzes. Experience.**

Os jovens, a juventude e as suas formas atuais de representar-se no cenário social constituem a matéria deste escrito. Este trabalho nasceu da surpresa frente à banalidade com que temos recepcionado algumas manchetes e notícias da mídia que tratam de acontecimentos violentos protagonizados por jovens de classe média e alta. Não raro, tais notícias aparecem borradas de sangue, levando-nos a pensar que constituem uma marca um pouco dramática das tentativas de inscrição desses jovens.

Qual é o teor desses enunciados? O que revelam? O que escondem? O que significa a presença, cada vez mais frequente, de narrativas da mídia e do cinema marcadas por atos insólitos e brutais protagonizados por jovens de classe média e alta? O que poderia nos ajudar a melhor compreender os episódios de violência por parte de jovens que não carecem de condições socioeconômicas e culturais adversas?

Essa é uma discussão que importa ao campo da educação, pois além das preocupações presentes nos espaços educacionais – na família e nas instituições escolares –, as páginas dos jornais e os telejornais mostram o tom de algumas dessas situações. Para discutir as nuances dessas expressões, escolhemos nos deter nos discursos que constroem as capilaridades da realidade dos jovens de classe média; analisar os modos pelos quais alguns desses jovens têm *escolhido*¹ fazer suas marcas e seus modos de representação² no social.

Feito este breve preâmbulo, deve-se dizer que o interesse sobre a temática começou a tomar vulto no primeiro semestre de 2005, por ocasião de uma notícia divulgada em jornal de grande circulação no estado do Rio Grande do Sul. Na época, surpreendeu-nos a criatividade às avessas de um grupo de universitários gaúchos: eles resolveram conferir o que aconteceria com a cadela Preta – uma cachorra prenhe cruelmente assassinada na noite de 9 de março de 2005, em Pelotas – ao ser pendurada no para-choque de um carro e arrastada por mais de 500 metros, ao longo do asfalto da cidade. O resultado da sagaz curiosidade desses rapazes foi o esfacelamento gradual do corpo de Preta e de seus filhotes pelas ruas de Pelotas (Acordo..., 2005).

Quase ao mesmo tempo, ocorreu um episódio protagonizado por médicos e residentes do curso de medicina do Hospital Universitário de Londrina (Médicos..., 2005). O grupo mantinha duas comunidades na rede social *ORKUT*, nas quais funcionários e pacientes eram insultados com mensagens preconceituosas e racistas. Os servidores eram chamados de *Trolls* – sigla para *seres abomináveis, repugnantes e comedores de carne humana*. Expressões como *macaca de 15 arrobas, bicha da noite e orangotango* foram utilizadas para qualificar alguns funcionários. As pacientes grávidas eram chamadas, nas mensagens, de *prenhas nojentas*.

Em 2007 tivemos, no Rio de Janeiro, uma espécie de reedição do crime do índio Galdino – como ficou conhecido o massacre do pataxó levado a cabo por uma das gangues juvenis de classe média da capital federal (Dignidade..., 1997). Referimo-nos ao grupo de adolescentes, moradores dos condomínios da Barra da Tijuca, que justificou a agressão gratuita contra a doméstica Sirlei

Dias Carvalho de Pinto dizendo que a tinham confundido com uma prostituta (Agressão..., 2007). Da mesma forma, os algozes de Galdino, em 1997, disseram que atearam fogo ao índio porque supunham tratar-se de um mendigo. Ora, o que significa justificar tamanha violência desse modo?

Pensamos que tais acontecimentos, quando presentes com frequência nos noticiários diários, acabam transformando-se em fatos sociais, ou seja, ao serem várias vezes *escritos* revelam algo da sintomatologia contemporânea, aquilo que *não cessa de não se escrever*³. A leitura dessas notícias evoca uma certa exaltação da destruição nos atos desses jovens, nos quais a crueldade e os maus-tratos com o outro parecem se tornar excessivos.

Partindo então dos acontecimentos deste tempo, das reflexões da Psicanálise, do pensamento crítico de Walter Benjamin e de alguns escritos da filosofia de Hannah Arendt, percorreremos os labirintos juvenis da atualidade buscando problematizar o tema da violência entre os jovens. Sublinhamos que, ao longo do escrito, serão utilizados fragmentos narrativos de pacientes atendidos pela autora.

Labirintos Juvenis

O sociólogo Spagnol (2005, p. 276), ao analisar os atos violentos de jovens paulistas, diz que:

[...] o que mais impressiona é a crueldade com que os jovens tratam suas vítimas. Não é somente matar, atirar e esfaquear uma pessoa, mas torturá-la, cortar, furar, amassar, destruir seu corpo de maneira desumana, sem demonstrar nenhum sinal de arrependimento [...]. Parece haver prazer em matar, em destruir o outro de maneira bárbara e cruel.

No artigo, ele lembra que essa raiva expressa pelos jovens deve ser tomada como a revelação de “algo inquietante presente nas relações sociais”, ou seja, pergunta-se sobre o quê da fisiologia dessas relações retorna sob o manto de atos bizarros e violentos praticados por alguns jovens da atualidade. A pesquisa que realizou com adolescentes paulistas mostrou que a pobreza por si não explica a violência, pois ele relata ter encontrado índices de crueldade e desprezo pelo outro semelhante, tanto entre os jovens da periferia quanto entre os de classe média.

Quais seriam, então, os vetores desses e de outros episódios violentos protagonizados por jovens que não padecem de privações sociais extremas? De que, afinal, estão privados?

Se não se pode afirmar que a crueldade e o desprezo pelo outro sejam marcas inequívocas dos jovens de agora, ao menos deve-se refletir sobre a atualidade de tal comportamento. Será que se trata da velha transgressão juvenil em nova roupagem? O que a brutalidade e a marginalidade dos atos de violência desses jovens retratam acerca de suas referências simbólicas?

Conforme sugere a psicanalista Maria Rita Kehl (2002), a perda do sentido da existência está na origem de muitos sintomas contemporâneos, já que ele não é da ordem da natureza, afinal, não nascemos portando um código genético para o sentido da vida. Pelo contrário, o sentido é construído a partir do simbólico, desde os códigos que a cultura na qual se está inserido indica como lugar de produção do sujeito e, ainda que o sujeito participe com um *grão de invenção*, a função simbólica dessa produção deriva, exatamente, do fato de os sentidos serem coletivos, inscritos na cultura.

Para ampliar essa discussão, consideremos algumas estatísticas que retratam o estado das relações juvenis em nosso tempo. No artigo de Spagnol (2005), anteriormente citado, o homicídio aparece como a maior causa de morte entre jovens na faixa de 15 a 24 anos, sendo que o número de óbitos é quase sete vezes maior do que o número absoluto de mortes na população em geral. Tais dados, de alguma forma, dialogam com os resultados de uma pesquisa realizada por Adorno, Bordini e Lima (1999), também na cidade de São Paulo. Essa pesquisa buscou comparar o protagonismo juvenil na criminalidade urbana em dois períodos distintos, 1988 a 1991 e de 1993 a 1996, com a finalidade de verificar o aumento dos índices, especialmente em modalidades de violência extrema.

Os resultados demonstram que não houve crescimento significativo dos episódios de violência protagonizados por jovens; os números inclusive revelam um aumento da vitimização juvenil. Contudo, a pesquisa demonstra que os jovens que cometem crimes são responsáveis por atos cada vez mais cruéis e violentos, sendo também crescente a tendência em construir uma trajetória delinvente. Ou seja, mesmo que o estudo identifique a inexistência de um expressivo aumento nos episódios de violência, a mudança talvez resida na intensidade e no tipo de violência que aparece nas manifestações juvenis.

Os autores da pesquisa sugerem que se pense sobre quais condições sociais poderiam facilitar a adoção de comportamentos violentos por parte dos jovens (Adorno; Bordini; Lima, 1999). Entre outras questões, discutem o quanto a emergência do crime organizado nesse segmento social poderia estar relacionada ao desmantelamento dos mecanismos tradicionais de socialização juvenil e das redes igualmente tradicionais de sociabilidade local, tais como a família e a escola.

Parece que a violência juvenil está cada vez mais presente na atualidade e temos de nos perguntar quais condições de nosso laço social⁴, de algum modo, facilitam esses comportamentos. No estudo já citado, Spagnol (2005) constatou que a violência como forma de expressão tem sido uma marca juvenil, independentemente dos modos de inserção social dos jovens. Nos relatos dos adolescentes, ele encontrou toda uma sedução com as ações criminosas que transcendem em muito a aquisição de bens materiais. Um jovem interno da Fundação Estadual do Bem-estar ao Menor (Febem) de Tatuapé, entrevistado para o estudo, relatou que assassinou seu ex-patrão porque era tratado como “qualquer um” por ele; por um bom tempo, o rapaz nutriu a vontade de assaltar a casa do patrão e resolveu concretizar o desejo, após ser demitido “sem mais

nem menos”. O assalto realizado com um amigo é descrito através de sórdidos detalhes de tortura, nos quais o homicídio aparece como um modo de o jovem descontar a humilhação da qual julgava ter sido vítima. Ao responder ao entrevistador o que ele e o amigo teriam levado do assalto, ele diz “nada [...] a vida dele”.

O relato lembra a colocação de Costa (2000), ao refletir sobre os episódios de crueldade que já na década de 1990 multiplicavam-se pelos jornais. Para o psicanalista, as condições de crueldade constroem-se na medida em que o outro passa a ser um simples objeto, alguém que não é um sujeito como nós, alguém que acaba sendo nada mais que um instrumento para a mera excitação pulsional.

Além da crueldade nos relatos, Spagnol (2005) também relata que identificou, nos discursos dos jovens, uma “experiência de vazio”, cuja presença apareceu tanto com aqueles da periferia, quanto com os de classe média. À qual vazio será que ele se refere? O que pode haver de não representável em suas vidas? O que a aniquilação do outro pode buscar inscrever? Que questões identificatórias podem estar em jogo nesses excessos?

Um dos modos de constituir traços de identificação que suportem o sujeito nas diferentes representações de si no laço com o outro e, portanto, com o Outro⁵ é o desenvolvimento de experiências de vida, não somente a soma de vivências. Nesse sentido, abre-se uma pergunta sobre a natureza da experiência no laço social atual. Se, por um lado, não temos como reduzir a pluralidade de experiências possíveis, na medida em que cada ser humano tem na prerrogativa da polissemia a condição de inventar-se desde as significações que lhe emprestam os diferentes discursos familiares e sociais, podemos interrogar as condições que o laço social atual oferece aos jovens. Será que o vazio que se apresenta em meio a essas condições pode ser uma das variáveis que contribuem para os atos infracionais, já que as transgressões parecem funcionar como uma marca, um modo de se fazer representar no cenário social?

Os Jovens e o Esvaziamento da Dimensão da Experiência

Roberto⁶, um paciente adulto jovem, executivo de êxito em grandes empresas, inquieta-se com a irrupção do que chama de *acessos pragmáticos* em suas relações pessoais e amorosas. O jovem adulto relata que transferiu a objetividade das ações gerenciais para a vida pessoal, no sentido de ter trocado experiências mais densas em nome de objetividade, racionalidade e utilidade.

Este parece ser um breve exemplo de como a racionalidade extrema pode constituir um dos traços da contemporaneidade passíveis de produzir o que Benjamin (1936) denominou de *esvaziamento da dimensão da experiência*. Interessa-nos, sobretudo, pensar que rastros na construção do sujeito são deixados em função do que se denomina empobrecimento do valor da experiência e de sua transmissão na Modernidade. Que relação pode ter entre o esvaziamento

da dimensão e da transmissão da experiência, relatados por Benjamin, e as formas de expressão que alguns jovens têm utilizado para fazer suas marcas?

Sabemos que a busca de emoções, a demanda épica de um lugar heróico desde o qual ser reconhecido, costuma estar presente entre os jovens⁷. Mas por que eles estariam fazendo suas demandas de reconhecimento a partir de atos tão bizarros e violentos? Por que o privilégio da violência e não de outras manifestações quando de suas tentativas de inscrição⁸ no social?

Para Arendt (1994), a violência, muitas vezes, acaba sendo a única manifestação possível de ser escutada. Um modo que acaba por mostrar o declínio da autoridade e do agir humano. Em sua visão, nem a violência nem o poder são fenômenos naturais, ou seja, pertencem ao âmbito político dos negócios humanos, que se baseiam na capacidade humana de agir.

Nesse sentido, a glorificação atual da violência estaria relacionada a uma frustração da faculdade de agir, presente no laço social atual. Ela sugere que quanto mais burocratizada a vida pública, maior será a atração pela violência. Desse modo, a filósofa argumenta que o homem moderno perdeu seu lugar de ação no sentido político, pois as novas condições sociais, além de instalarem uma superficialidade na mecanização das ações, suscitam uma espécie de isolamento e desenraizamento, cujo efeito acaba sendo a destruição da capacidade política e do agir e, portanto, a superação do *homo faber* pelo *animal laborans*.

É interessante pensar no esvaziamento e despolitização da vida pública como uma das novas condições do laço social. Qual será o efeito para os jovens, aos que estão chegando, que este se apresente vazio no sentido das ações?

A ação, segundo Arendt (2001), representa a expressão do agir humano no espaço público. Ela diz que agir, no sentido mais geral do termo, significa tomar iniciativa, iniciar algo, imprimir movimento a alguma coisa:

A ação é a única atividade que se exerce diretamente entre os homens sem a mediação das coisas ou da matéria. Corresponde à condição humana de pluralidade, ao fato de que homens, e não o Homem, vivem na Terra e habitam o mundo. Todos os aspectos da condição humana têm alguma relação com a política; mas esta pluralidade é especificamente a condição de toda vida política (Arendt, 2001, p. 190).

A preocupação exagerada com as necessidades vitais, da qual a demanda de consumo de objetos acaba sendo a extensão, descaracteriza a vida humana já que os homens deixam de construir um mundo político para se voltar às necessidades privadas.

Ora, sabemos que o ápice da descaracterização do humano, através da burocratização da vida, foi o genocídio nazista, em que os homens-máquinas não se perguntavam sobre a dimensão ética de seus atos, eles simplesmente agiam a serviço de uma engrenagem, como bons funcionários (Arendt, 1999).

Quando Levi (1988, p. 25) testemunha acerca da experiência de *Auschwitz* e pergunta “*Se questo e un uomo?*”, indagando o quanto de humanidade poderia

restar a homens cuja “[...] *condição humana mais miserável não existe*”, ele diz:

[...] nada mais é nosso: tiraram-nos as roupas, os sapatos, até os cabelos; se falarmos, não nos escutarão – e, se nos escutarem, não nos compreenderão. Roubarão também o nosso nome e, se quisermos mantê-lo, deveremos encontrar dentro de nós a força para tanto, para que, além do nome, sobre alguma coisa de nós, do que éramos.

De forma semelhante, perguntamo-nos que jovens são esses que ateiam fogo a um índio e justificam que pensaram ser um mendigo; que espancam uma doméstica e explicam o ato dizendo confundi-la com uma prostituta? Que condições sociais do tempo atual contribuem para a emergência de atitudes e condutas como essas? Será que estamos frente a novos modos de subjetivação? Por que a violência é muitas vezes dirigida a vidas, historicamente, marcadas pelo preconceito e pela exclusão¹⁰?

Violência Juvenil e Narrativas da Cultura

Como já mencionamos, a banalidade da violência urbana parece ter tornado nosso olhar insensível e nossos ouvidos obstruídos. A mídia, na exaltação repetitiva de uma espécie de apocalipse, parece nos privar da possibilidade de pensar com o próprio pensamento, recheando nosso imaginário com cenários pré-fabricados. A dimensão espetacular do laço social atual leva-nos a conviver com a violência como mais uma das *intensidades* do espetáculo (Kehl, 2005). Desta forma, a preocupação com a faceta violenta dos *jovens de nosso tempo* parece ter-se tornado lugar-comum. Como então desvelar a complexidade dessas situações sem cairmos em fórmulas simplificadoras e reducionistas?

Uma das narrativas filmicas que discutiu com estilo e propriedade o envolvimento de adolescentes brasileiros de classe média e alta com atos de violência extrema foi o filme *Cama de Gato* (2002). A história, montada como um *patchwork* a partir de alguns episódios que aconteceram no Brasil entre 1995 e 2000, mostrou um retrato cruel da *banalidade do mal* que pode advir como efeito da superficialidade das constituições subjetivas de nosso tempo (Arendt, 1999). O enredo explora o hedonismo e o individualismo como índices da ausência de alteridade, apontado na narrativa como típica dos jovens da atualidade.

Além de *Cama de Gato*, no ano de 2007 o polêmico *Alpha Dog* (2006), dirigido por Nick Cassavetes, mostrou na tela um caso real ocorrido em West Hills – uma pacata cidade do sul da Califórnia (EUA) – no ano de 2000. O filme narra os três dias em que o menino Nicholas Markowitz, de 15 anos, ficou em poder de um grupo de rapazes que o sequestraram. O crime iniciou como um modo de dar uma lição no irmão de Nicholas, que contraíra dívidas com o jovem traficante da região.

Conforme a reportagem da Revista *Veja* (Tumulto..., 2007, p. 117), “*Alpha Dog* é o fruto da obstinação do diretor em entender como um punhado de jovens, que usavam a violência como pose, de um instante para outro, passaram à violência real”. O inusitado é que a história desenrola-se num ritmo de balada, com muitas festas, mulheres bonitas, bebidas e drogas. O menino, muito embora levado à força pela gangue, não demonstra nenhuma vontade de ir para casa; ele vive dias de fascínio ao lado dos jovens *gângsteres*, para os quais a diversão e o prazer parecem ilimitados. O desfecho do sequestro impressiona porque, realmente, até certa altura dos acontecimentos, tem-se a sensação de que Nicholas não é um sequestrado, ele está mimetizado com o grupo, extasiado por estar vivendo de modo intenso alguns momentos da passagem adolescente, tão temida por sua zelosa mãe. De toda a forma, a empatia e a amizade construídas entre eles não foi suficiente para mudar o desenlace trágico.

Uma das questões trabalhadas pelo diretor ao longo da narrativa é a posição dos adultos. Munido de entrevistas com mais de 40 testemunhas que participaram dos três dias de sequestro, Nick Cassavetes refaz o itinerário do *líder da matilha* – tradução de *Alpha Dog* – mostrando adultos tão perdidos quanto os jovens. Eles são perfilados como velhos adolescentes, envolvidos de tal forma com sexo, drogas e festas que a ausência da distância geracional parece apagar qualquer possibilidade de estranhar o tipo de experiência em que seus filhos estão envolvidos. Ora, na medida em que se apagam as diferenças de lugares, negam-se limites, forjando-se uma espécie de incapacidade psíquica para metabolizar o encontro com o outro, com a dimensão da alteridade – modo pelo qual a solidariedade e a empatia acabam por ceder lugar aos atos cruéis.

Outro destaque do filme refere-se a uma quase obviedade na esfera das narrativas filmicas. A fim de sublinhar a importância das experiências culturais da atualidade, o diretor constrói uma cena em que a balada da tela mistura-se com o videoclipe a que os jovens assistem. Nessa, a banda encena uma festa idêntica à dos adolescentes, repleta de toda uma indumentária consagrada na atualidade: drogas, bebidas, mulheres e armas. O grupo diverte-se de modo tão semelhante ao vídeo que confunde o espectador com a velha dobradinha ficção-realidade, em uma clara alusão ao tipo de experiência que a cultura atual oferece. O desfecho dessa pontuação do diretor aparece ao final, quando o autor dos disparos que matam Nicholas, ao decidir pelo ato, diz “chega de videoclipe”. Nesse momento, percebemos que a ausência da interdição, tão corrente na atualidade, ao estabelecer-se no campo das relações, subtrai a capacidade da cultura de operar recalçando e, portanto, regulando a dimensão mortífera das mesmas.

Assim, se temos alguns filmes inspirados em histórias reais, *Alpha Dog* mostra como um acontecimento pode ser re-contado na tela. Dessa forma, a lógica cinematográfica mostra sua face mais subversiva: estamos diante de um espelho que revela algo de nós, algo que produzimos sem saber, algo *muito além do espetáculo*. Questão que se inscreve desde o título, afinal, Cassavetes – o diretor –, ao nomear a gangue juvenil de *matilha*, brinca com o deslizamento

civilização/barbárie, levando-nos a interrogar qual mutação pode estar em questão em nosso laço social quando jovens como esses se inscrevem tal qual uma *matilha*.

Retornamos então à pergunta: o que os atos de vandalismo e violência tentam inscrever? O que pode levar um adolescente a tirar a vida de outro por uma dívida, um carro ou um par de tênis? Por que o poder e prestígio na atualidade estão tão ligados ao porte de uma arma, ao uso da violência?

Neste diapasão também se deve destacar a atual associação de jovens de classe média com o crime organizado. Segundo o delegado geral da Polícia Civil de São Paulo, Mário Jordão Toledo Leme, esses sujeitos já fazem história nas instituições que se dedicam à recuperação de adolescentes em situação de risco com a lei: “[...] de uns anos para cá cresceu o volume de jovens de classe média nos presídios” (Cresce..., 2007).

Para o psicanalista Joel Birman (2007), os fenômenos de violência, cada vez mais presentes na atualidade, podem ser tomados como o efeito da direção exibicionista e autocentrada que o desejo e seus destinos assumem quando as trocas entre os sujeitos encontram-se esvaziadas. Ele sugere que o sujeito da cultura contemporânea vê o outro como instrumento de seu gozo. Assim, na ausência de projetos sociais compartilhados, restariam somente os pactos em torno deste uso do outro a qualquer preço.

Tal argumentação parece estar associada ao tema da experiência e de seu esvaziamento; é como se o sujeito moderno, desenraizado, pobre de narrativa e, portanto, de intercâmbio de experiências, ficasse em uma posição de vazio com relação às formas de se fazer representar, restando-lhe o corpo próprio e o corpo do outro como arrimo de inscrição¹¹, como sítio maior de suas marcas.

Parece que as condições da Modernidade realmente agregaram algumas dificuldades aos modos de representação do sujeito. O fato de o sujeito ter de se representar em uma experiência que não o antecede implica que a produção do Eu¹² da experiência seja colocada cada vez mais à margem (Costa, 2007). Ora, sabemos que o Eu nunca se completa, está sempre na condição de encontrar formas de se fazer representar, sem esgotar esse movimento. Assim, nesse inacabamento de uma representação tácita que revele o Eu por completo, as vias de representações são como que empurradas para as margens. Esse movimento, muitas vezes radical, pode ser encontrado no que se denomina passagem ao ato¹³.

Nesse sentido, é preciso lembrar que a adolescência produz o encontro com duas questões caras ao humano: o sexo e a morte. Esses dois temas de difícil representação adquirem uma melhor elaboração quando, do ponto de vista da cultura, o jovem encontra o que Costa (2001, p. 126) chama de “diques¹⁴” nos caminhos sociais ofertados. Pode-se pensar que na ausência de dispositivos passíveis de ajudar o sujeito na simbolização¹⁵, os jovens acabam por não encontrar suportes simbólicos suficientes para viver a passagem pelo que é da ordem do real e do traumático, resultando daí o que se denomina fragilidade de simbolização.

O tema do empobrecimento da função simbólica na contemporaneidade é recorrente nas discussões acerca da violência. Na esteira desse debate, encontra-se também a discussão sobre o declínio da função paterna e suas consequências para a sintomatologia de crianças e jovens. Lacan (1999), ao referir-se à metáfora paterna, diz que o pai enquanto Nome é o responsável pela metaforização do desejo materno, isto é, o pai é responsável pelo fato de a mãe não colar o filho no lugar do objeto da falta, o falo¹⁶. A função simbólica que se dá mediante a intervenção paterna constrói a dimensão triangular da relação mãe-filho, propiciando que a criança não se identifique como objeto de completude do narcisismo materno. Nessa operação significativa, inscreve-se a falta e nasce o objeto como negativo. Uma questão que importa nesse sentido é questionar se algo muda na relação do sujeito com o objeto e com a falta, na medida em que se cultiva, nas práticas sociais atuais, um encontro cada vez mais *real* com os objetos.

O *real*, enquanto um dos três registros psíquicos conceitualizados pelo ensino de Lacan, é usado aqui no sentido que Žižek (2003) dá ao termo: para o esloveno, a *paixão pelo real* é um dos sintomas da contemporaneidade. Nela estaria contida a tentativa de escrutinar e desnudar a cena, a fim de que se produza o encontro com o objeto. Na medida em que, muitas vezes, a inflação do real apaga a dissimetria entre sujeito e objeto, torna-se necessário refletir sobre os efeitos paradigmáticos do discurso da ciência para a subjetivação contemporânea.

Jerusalinsky (2004, p. 17), no artigo *Perfurações*, pergunta-se sobre o que toma valor fálico em uma cultura na qual o Nome-do-Pai não é mais o referente privilegiado da Lei. O psicanalista assinala que a possibilidade de todo e qualquer real assumir *per se* um valor fálico acaba por deixar o sujeito sem uma bússola simbólica, o que produz um encurtamento da dimensão simbólica. Tal movimento reduz também o potencial criador e criativo do sujeito, fazendo com que as referências fálicas se diluam num infinito de recortes, cuja equivalência de valor é medida pelo gozo que produz. Ele toma as tatuagens e *piercings* como um modo atual de marcar o espaço de identificação do sujeito, ou seja, como se para o sujeito contemporâneo fosse necessário retalhar e perfurar o corpo a fim de assegurar-se do juízo de existência.

Os Jovens, a Violência e o Laço Social

Essas questões nos levam a interrogar se há então algo de nosso laço social que, de alguma forma, opere estimulando a tendência ao agir violento nos jovens. Rosa (2004), ao analisar o discurso sobre a violência juvenil na contemporaneidade, aponta para a inflação do imaginário social acerca do adolescente. Ela propõe que se escute a faceta de sofrimento que participa das cenas de violência protagonizadas pelos jovens. Segundo a psicanalista, na adolescência, o espaço social serve como sítio para que novas operações se

processem a fim de que as reedições das inscrições juvenis alcancem legitimidade e autoridade ao sujeito. Neste contexto de passagem do cenário familiar para o cenário social, ela argumenta que os atos violentos são, muitas vezes, tentativas do jovem de constituir-se, prescindindo do Outro. Desse modo, para Rosa (2004), o que transborda nos atos violentos juvenis pode estar associado ao desamparo do qual padece o jovem na atualidade, já que o tipo de estrutura discursiva que rege o laço social resguarda pouco o sujeito. É como se o adolescente contemporâneo estivesse mais exposto ao encontro com o real, impossibilitado, pela ausência de suportes simbólicos no tecido cultural, de produzir bordas capazes de transformar o traumático.

Realmente, parece que as condições acima referidas, bem como a ausência de acesso ao mínimo de dignidade e cidadania, conduzem grande parte da população ao lugar da marginalidade e da exclusão. Nesse sentido, importa destacar que a invisibilidade social e subjetiva, da qual padece uma parte da juventude, tem, na exclusão, um dos seus efeitos. Soares (2004) vê, no encontro do que ele denomina de uma espécie de invisibilidade, com as demandas de inscrição dos adolescentes, um dos motes para a produção da violência. Em outras palavras, os jovens desfavorecidos socialmente, cujas necessidades psicossociais e muitas vezes orgânicas são negligenciadas pela família e pela sociedade, acabam ensejando trajetórias pautadas pela delinquência.

Assim, se os jovens da periferia estariam carentes do olhar do Outro social, perguntamos quais as condições de emergência dos atos delinquentes dos jovens de classe média e alta? Quais as condições sociais e culturais que participam desta espécie de *vácuo* que alguns reconhecem nos jovens da atualidade? (Eduardo, 2004). Há realmente esse vácuo? E de qual natureza é? Qual espécie de experiência, afinal, pode estar subtraída da vida desses jovens? O que será que produz a dificuldade de construírem enunciações propriamente ditas?

É preciso, primeiramente, sublinhar que a fome de significação, tão cara aos adolescentes, parece jogá-los em um estado subjetivo transitório, algo como um *entre-lugar*, quase um lugar nenhum. Esse é um estado paradoxal, pois se trata de um momento da vida em que eles não são mais crianças, mas também ainda não são adultos. Tais condições podem produzir uma angústia tal que, não raras vezes, deságua em desastrosas ações no cenário público, cuja finalidade parece ser capitanear, pela via do ato, alguma legitimidade e visibilidade ao autor.

Temos acompanhado nas notícias da mídia impressa e nas narrativas de adolescentes e jovens, em consultório e fora dele, o sofrimento do qual padecem pela dificuldade de se fazerem representar a partir de marcas pessoais, que emprestem sentidos e significações às suas vidas. Ao escutar essas questões, parece-nos que há uma dupla dificuldade entrelaçada: a de se inscrever no espaço psíquico e no espaço público.

Um jovem adulto em análise relatava preocupações com sua imagem frente ao outro, ao *status* diante dos amigos e das meninas: “[...] não adianta, atualmente, para ter amigos e mulher, é preciso ter dinheiro [...] não é que eu

minta, mas fico com vergonha do que sou, acho que não vão gostar de mim, aí digo coisas que não tenho, que não sou [...]” (Gustavo, 26 anos)¹⁷.

A queixa da não adequação a uma imagem social parece colocar esse rapaz em uma posição de angústia extrema; ele padece por não corresponder ao que supõe como ideal. Interessante pensar no quanto a chamada *espetacularização* das inscrições do sujeito no laço social constitui uma busca de significação pela via da imagem.

Kehl (2005), em *Muito Além do Espetáculo*, desenvolveu um instigante exercício de análise da cultura. Para a psicanalista, as técnicas avançadas de *marketing* expropriam o saber inconsciente, devolvendo-o na forma de apelos publicitários; ela sugere a ocorrência de uma aderência tal às imagens cuja intensidade levaria o inconsciente a subordinar-se ao espetáculo, *resolvendo* a angústia sobre o sentido da vida.

Tal questão levantada por Kehl está associada ao que Arendt (2001) trata como os efeitos da ausência da dimensão política no laço social da atualidade. Para Arendt (2001), este fenômeno é correlato da passagem da sociedade tradicional – em que os lugares eram fixamente designados num tempo anterior – para a Modernidade, na qual os sujeitos precisam inventar por si formas de se fazer representar.

O psicanalista Ruffino (1995), em um belo artigo sobre os modos de subjetivação juvenil na atualidade, assinala que uma das hiências da adolescência contemporânea reside na dificuldade dos jovens consolidarem sua inscrição simbólica pela ausência de ritos de passagem capazes de garantir e apaziguar o sujeito com seus novos traços.

Pensamos que a urgência em confirmar a inscrição de si, através das diferentes formas de se fazer representar no social, é uma necessidade psíquica da adolescência que, somada ao empobrecimento das condições de construção da experiência e ao esvaziamento do espaço público como espaço legítimo de representação, acabou por incrementar a dimensão das escritas violentas na adolescência e juventude deste tempo. De alguma forma, tal situação reduziu o terreno dos modos de representação na esfera pública, subtraindo, com isso, um dos lugares importantes para a legitimação das subjetividades adolescentes.

O já mencionado filme *Cama de Gato*, ao narrar a brutal inconsequência com que alguns jovens de classe média vêm tratando o sexo e a violência, transmite a noção de certo vazio de referências, no qual o prazer reina de forma intensa e a estética vem antes da ética. Ao longo da narrativa do filme, vai aparecendo o sentido metafórico que empresta o nome à trama – a *cama de gatos* representa o emaranhado de questões em meio às quais o diretor supõe que os jovens contemporâneos estão enredados.

À Guisa de Conclusão

Por fim, diríamos que analisar o dialeto violento dos jovens da atualidade

a partir da noção de esvaziamento da dimensão da experiência é também uma forma de interrogar como operamos com a falta hoje (Costa, 2007). Como se transmite a falta? Sua transmissão acontece nas relações entre adultos e jovens, entre pais e filhos? Como os adultos lidam com o par Desejo e falta? Qual relação pode ser estabelecida entre o empobrecimento da experiência e a falta da falta nas transmissões?

Essas interrogações buscam potencializar a discussão sobre o que ocorre com os inúmeros acontecimentos que fazem parte da vida de muitos jovens. São viagens, objetos, eventos nos quais temos a impressão de que eles ficam *entupidos de vivências* no sentido que Benjamin (1994) dá ao termo. É como se houvesse um desfiladeiro de imagens e de possíveis representações que seriam ofertados para que operasse a suplência da falta. Poderíamos dizer que há um *mercado de representações*, um excesso de possibilidades do ponto de vista imaginário no cotidiano desses sujeitos, porém, são imagens e representações que parecem não *colar*. O que nos leva a perguntar: como a cultura atual propõe o recorte do real? Qual relação o simbólico de nosso tempo permite com o real?

O tempo de agora parece ovacionar a ciência e a técnica como modos de operar com a falta, de forma que sobram poucos espaços para lidar com diferentes modos de relacionar-se com o vazio. Essa configuração nos impele a questionar a transmissão que o mundo adulto faz na direção dos jovens da atualidade.

No texto *Escrita das Utopias: Litoral, Literal, Litoral*, Souza (2006) lembra que a transmissão é sempre do que queremos esquecer, ou seja, transmitimos com o inconsciente aquilo que não sabemos¹⁸; transmitimos as rasuras apagadas que escrevem e inscrevem o caminhar do sujeito. Destarte, será que poderíamos pensar as utopias como caminhos simbolizadores? Como a possibilidade de criar, de fazer outra coisa com a falta? Um outro modo de construir experiência(s)?

Encerrar este texto com interrogações talvez seja o melhor modo de contribuir com outras formas de lidar com as problematizações acerca da violência juvenil de nosso tempo. Um modo de pensar as questões dos jovens que suporte, simultaneamente, articular o saber e a falta. Um modo de lidar com a tensão própria que caracteriza a juventude, criando caminhos que, mesmo na ausência de uma saída derradeira, sejam vias possíveis de serem percorridas.

Recebido em julho de 2010 e aprovado em janeiro de 2011.

Notas

1 Referimo-nos ao paradoxo próprio da noção de escolha já que, desde Lacan (1985), sabemos que a constituição do Eu está sempre atrelada ao Outro, ao simbólico.

2 Utilizamos a noção de representação desde a Psicanálise. A representação responde à necessidade do sujeito pulsional de representar-se através de produções que marquem

- um lugar singular. No caso dos adolescentes, as intensas modificações pelas quais passam do ponto de vista corporal, se não são as protagonistas do *adolescimento*, ao menos funcionam como propulsoras de uma mudança do olhar do Outro social. Isso significa que os traços que constituíam o sujeito da infância, o sujeito colado ao olhar parental, passam a ser insuficientes para dar conta desta nova relação do Eu com o Outro. Nesse sentido, apesar de entender todas as dificuldades próprias ao processo de constituição de um território e de suas fronteiras na adolescência, a questão que buscamos investigar recai sobre as condições que a cultura atual oferece como suporte desta espécie de *urgência de representação* que ocorre nesse período.
- 3 Para a Psicanálise lacaniana, o *real* é um dos registros que compõe a tríade real, simbólico e imaginário; sendo o registro daquilo que não pode ser simbolizado totalmente na palavra ou na escrita, ou seja, aquilo que *não cessa de não se escrever*. Tomamos a sintomatologia ligada à violência como o que fica fora da simbolização, um *real* que precisa ser decifrado.
 - 4 O cerne do conceito de laço social pode ser encontrado na obra de Freud em textos como *Totem e Tabu* (1913) e *Mal-Estar na Cultura* (1930). Basicamente, a noção de laço social está ligada à ideia de que aquilo que constitui o sujeito excede o campo da *genealogia* familiar; isso no sentido de que o sujeito é efeito da linguagem e não da natureza. Essa concepção está ligada à teorização de Lacan que concebe o inconsciente como social, estruturado pela linguagem, tributário da cultura e de suas articulações. Portanto, o sujeito se constitui no laço social a partir dos efeitos produzidos pelos diferentes discursos que o sustentam (Aragão, 1991; Backes, 2000).
 - 5 Para tratar da constituição psíquica, Lacan diferencia duas instâncias: o chamado “pequeno outro”, que seria o semelhante, o parceiro imaginário, e o “Outro” (grande Outro), que ele conceitualiza como a instância simbólica e, portanto, da linguagem, que determina o sujeito, sendo de natureza anterior e exterior a ele; lugar da palavra, do tesouro dos significantes (cf. Lacan, 1985, p. 297).
 - 6 Os fragmentos de sessões de análise de alguns pacientes levam nomes alterados.
 - 7 É preciso assinalar que os traços que tomamos como próprios da juventude e da adolescência têm uma história social. Isso porque mesmo cientes da necessidade de reconhecimento dos traços juvenis, estudos demonstram que existiram outras juventudes, com diferentes modos de funcionamento em outros tempos sociais (Levi; Schmitt, 1996).
 - 8 Diferenciamos a *inscrição de si* da *representação de si* no sentido de que as representações só são possíveis após os tempos da inscrição primordial. Ou seja, podemos dizer que da *inscrição* podem decantar as *representações* no sentido de que a inscrição desenha o contorno e as representações *preenchem* esse espaço, assinalando, nesta passagem, o lugar do sujeito. Para outras informações ver Gurski (2008).
 - 9 Título original do livro *É isto um homem?*, Primo Levi (1988).
 - 10 O filósofo italiano Giorgio Agamben (2002) retoma os conceitos de *vida nua* e *homo sacer* do direito romano a fim de pensar questões relativas à política moderna. Ele diz que a *vida nua*, por exemplo, era, para os gregos, a vida humana matável e insacrificável do *homo sacer* ou homem sacro. A *vida nua* era a chamada mera vida, a vida qualquer, destituída da Pólis. Agamben sugere que tal figura do direito romano arcaico tinha como representação a inclusão pela via da exclusão. Em sua

explanação, os campos de concentração são tomados como o paradigma desta espécie de anomia, pois ele os entende como o paradigma da exceção, ou melhor, da exclusão inclusiva. É nesse contexto que aparece a figura do *homo sacer*, aquele que habita uma zona de indistinção entre a vida humana e a morte consagrada: o sujeito cuja vida é descartável e matável sem punição. As agressões às figuras do índio, da prostituta e do mendigo, por parte dos jovens de classe média, parecem *fazer* uma alusão a esses conceitos. Para outros detalhes ver Gurski (2008).

- 11 Ver nota de rodapé 8.
- 12 A partir do ensino de Lacan, lembramos que a língua francesa faz uma distinção entre os pronomes pessoais *je* e *moi*; o *je* é sempre o sujeito do verbo, enquanto o *moi* pode ocupar outros lugares sintáticos, inclusive o de sujeito. Lacan aproveita essa nuance da língua e consagra o sujeito do inconsciente como o *je*, aquele que deve advir no lugar do *isso* – segundo a máxima freudiana *Wo es war soll ich erden* – e designa como *moi* o sujeito da função imaginária (Lacan, 1985).
- 13 *A passagem ao ato* é diferenciada por Lacan do *ato* e do *acting-out*. A passagem ao ato é definida como um agir impulsivo inconsciente, e não um ato; em sua origem, está contida a noção de uma impossibilidade de simbolização. Para Lacan, é o momento em que o sujeito se deixa cair, ou seja, sua fantasia não dá conta do confronto com a dimensão objetual que tem para o Outro (Chemama, 1995). Este conceito, articulado às configurações da atualidade juvenil, pode potencializar a análise que está sendo feita neste artigo.
- 14 Ana Costa (2001, p. 126) comenta que Freud, nos *Três Ensaios Sobre a Teoria da Sexualidade*, utilizou essa expressão para falar da função refreadora que a cultura opera em relação às pulsões.
- 15 O *simbólico* é um dos três registros que, junto ao *real* e ao *imaginário*, fundam o que Lacan denominou de RSI – as instâncias indissociáveis ligadas pelo *nó borromeu*, que dão conta da relação do sujeito com a falta. O *real* designa o impossível de ser simbolizado; o *simbólico* seria o lugar do significante e da função paterna, e o *imaginário*, o lugar supremo das identificações, lugar das ilusões do eu, da alienação do sujeito. Para outros detalhes ver Roudinesco e Plon, 1998.
- 16 Para Freud, o *falo* serve para afirmar o caráter sexual da libido; seria o objeto que representa o Desejo da mãe. Após Lacan, o *falo* tornou-se um conceito fundamental da teoria psicanalítica, sendo concebido como o significante da falta (Chemama, 1995).
- 17 Como já referido, os nomes dos pacientes são fictícios.
- 18 Para a psicanálise lacaniana, o saber inconsciente está do lado da verdade do sujeito, aquilo que está apartado do sujeito pela barra do recalque. Contardo Calligaris (1991), de acordo com o ensino de Lacan, propõe que verdade e saber são distintos, sendo o saber aquilo que o neurótico produz para lidar com a verdade inconsciente.

Referências

ACORDO Livra Jovens de Julgamento. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 3, 01 jul. 2005.
ADORNO, Sérgio; BORDINI, Eliana B. T.; LIMA, Renato Sérgio de. O Adolescente a

as Mudanças na Criminalidade Urbana. **São Paulo em Perspectiva**: revista da fundação SEADE, São Paulo, n. 4, p. 62-74, out./dez. 1999.

AGAMBEN, Giorgio. **Homo Sacer**: o poder soberano e a vida nua I. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2002.

AGRESSÃO à Doméstica Choca o País. **Zero Hora**, Porto Alegre, p. 44, 26 jun. 2007.

ALPHA Dog. Direção: Nick Cassavetes. Produção: Matthew Barry; Nancy Green-Keyes e outros. Intérpretes: Bruce Willis; Matthew Barry; Harry Dean Stanton e outros. Roteiro: Nick Cassavetes. Estados Unidos, 2006. 1 DVD (117 min.).

ARAGÃO, Luis Tarlei (Org.). **Clínica do Social**: ensaios. São Paulo: Escuta, 1991.

ARENDR, Hannah. **Sobre a Violência**. Rio de Janeiro: Relume-Dumará, 1994.

ARENDR, Hannah. **Eichmann em Jerusalém** – um relato sobre a banalidade do mal. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 1999.

ARENDR, Hannah. **A Condição Humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

BACKES, Carmen. **O que é ser Brasileiro?** São Paulo: Escuta, 2000.

BENJAMIN, Walter. Experiência e pobreza. In: BENJAMIN, Walter. **Magia, Técnica, Arte e Política**. Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 114-119.

BENJAMIN, Walter. O Narrador. In: BENJAMIN, Walter. **Magia, Técnica, Arte e Política**. Obras escolhidas I. São Paulo: Brasiliense, 1994. P. 197-221.

BIRMAN, Joel. **Mal-estar na Atualidade**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.

CALLIGARIS, Contardo. O Inconsciente em Lacan. In: AUFRANC, Ana Lia et al. **O Inconsciente**: várias leituras. São Paulo: Escuta, 1991.

CAMA de Gato. Direção: Alexandre Stockler. Produção: Alexandre Stockler. Intérpretes: Cainam Baladez; Caio Blat; Bárbara Paz e outros. Roteiro: Alexandre Stockler. Brasil, 2002. 1 DVD (92 min.).

CHEMAMA, Roland. **Dicionário de Psicanálise – Larousse**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

COSTA, Ana Maria. **Corpo e Escrita**: relações entre memória e transmissão da experiência. Rio de Janeiro: Relume Dumará, 2001.

COSTA, Ana Maria. **Escritas da Experiência**. Seminário Especial, Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre: UFRGS, out. 2007. (Comunicação Oral).

COSTA, Jurandir Freire. **A Ética e o Espelho da Cultura**. Rio de Janeiro: Rocco, 2000.

CRESCER Fenômeno dos Jovens Ricos Criminosos diz Delegado Geral. 17 mar. 2007. Disponível em: <<http://g1.globo.com/Noticias/SaoPaulo/0,,MUL11846-5605,00-CRESCER+FENOMENO+DOS+JOVENS+RICOS+CRIMINOSOS+DIZ+DELEGADO+GERAL.html>>. Acesso em: 31 jul. 2007.

DIGNIDADE Incendiada. **Revista Isto É**. 30 abr. 1997. Disponível em: <<http://www.terra.com.br/istoe/politica/143933.htm>>. Acesso em: 22 set. 2005.

EDUARDO, Cléber. Entrevista com o diretor de Cama de Gato: Alexandre Stokler. **Revista Época**, v. 330, 13 set. 2004. Disponível em: <<http://revistaepoca.globo.com/Epoca/0,6993,EPT808406-1655,00.html>>. Acesso em: 29 mar. 2006.

GURSKI, Roselene. **Juventude e Paixão pelo Real**: problematizações sobre experiência e transmissão no laço social atual. 2008. 219 f. Tese (Doutorado em Educação)

– Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2008.

JERUSALINSKY, Alfredo. Perfurações. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 27, p. 9-17, set. 2004.

KEHL, Maria Rita. **Sobre Ética e Psicanálise**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

KEHL, Maria Rita. Muito Além do Espetáculo. In: NOVAES, Adauto (Org.). **Muito Além do Espetáculo**. São Paulo: Senac, 2005. P. 234-253.

LACAN, Jacques. **Seminário 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

LACAN, Jacques. **Seminário 5: as formações inconscientes**. Rio de Janeiro: Zahar, 1999.

LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean Claude. **História dos Jovens I: da antiguidade à era moderna**. Introdução. In: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean Claude (Org.). São Paulo: Companhia das Letras, 1996. P. 7-17.

LEVI, Primo. **É isto um Homem?** Rio de Janeiro: Rocco, 1988.

MÉDICOS Passam Mensagens Racistas em Site. **Folha de São Paulo**, São Paulo, 14 maio 2005.

ROSA, Miriam Debieux. O Discurso da Violência e suas Implicações para o Adolescente. **Correio da APPOA**, Porto Alegre, n. 126, p. 23-28, jul. 2004.

ROUDINESCO, Elizabeth; PLON, Michel. **Dicionário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

RUFFINO, Rudolfo. Adolescência: notas em torno de um impasse. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, Porto Alegre, n. 11, p. 41-46, nov. 1995.

SOARES, Luis Eduardo. Juventude e Violência no Brasil Contemporâneo. In: NOVAES, Regina; VANNUCHI, Paulo (Org.). **Juventude e Sociedade: trabalho, educação, cultura e participação**. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2004. P. 130-159.

SOUZA, Edson Luiz. Escrita das Utopias: litoral, literal, litoral. **Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre**, n. 31, p. 48-60, dez. 2006.

SPAGNOL, Antonio Sérgio. Jovens Delinquentes Paulistanos. **Tempo Social**, São Paulo, v. 17, n. 2, p. 275-299, nov. 2005.

TUMULTO no Paraíso. **Revista Veja**, v. 2008, p. 117, 16 maio 2007.

ZIZEK, Slavoj. **Bem-vindo ao Deserto do Real**: cinco ensaios sobre o 11 de setembro e datas relacionadas! São Paulo: Boitempo, 2003.

Rose Gurski é psicóloga e psicanalista. Membro da Associação Psicanalítica de Porto Alegre (APPOA). Mestre em Psicologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Doutora em Educação (UFRGS). Professora Adjunta do Instituto de Psicologia da UFRGS.
E-mail: roselengurski@terra.com.br